

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 2.^o

15 DE DEZEMBRO DE 1845.

N. 24.

MINAS GERAES.

(*St. Hilaire.*)

Primeiros estabelecimentos nos arredores do Capão do Cleto, (margens de S. Francisco.)

O capitão Cleto, proprietário do Capão (1) do mesmo nome, recebeu-me com hospitalidade na sua casa, onde passei alguns dias. Era descendente de hum dos primeiros Paulistas, que vierão estabelecer-se nas margens do rio de S. Francisco, acima, e abaixo do Capão.

Estes Paulistas não fazião parte dos bandos, que tomáram a fuga no combate do rio das Mortes. Eram dous primos, Mathias Cardozo, e Manoel Francisco de Toledo homens poderosos, que, abandonáram a sua patria com familias, e escravos. Acháram nos arredores do Capão hum

(1) Da lingua indigena \approx capoam \approx que significa ilha. Os capões pertencem à vegetação primitiva. São bosques, que se apresentam como ilhas de verdura no meio dos desertos, cercados de campos. As capoeiras são os bosques que succedem às plantações nas florestas virgens. Os capoeiros substituem as capoeiras quando estas não são cortadas.

estabelecimento dos indigenas Xicriabas, a quem fizerao primeiramente a guerra; mas ao depois, pactuando com elles concluírao a paz. Os dous primos obtiverão por concessão real a propriedade de huma e outra margem do rio de S. Francisco em toda a extensão, que podessem percorrer durante hum dia embarcados no mesmo rio; e alem disto a dita concessão outorgou a hum dos primos o titulo de Mestre de Campo dos Indios, para duas gerações.

Mathias Cardozo, e Manoel Francisco de Toledo tinhão, segundo parece, redusido hum grande numero de indios ao captiveiro como então se praticava; e servirão-se destes infelizes para formar fazendas, e construir muitas igrejas, entre outras a de Morrinhos.

Em consequencia da suppressão do captiveiro dos Indios, estas duas familias soffrêram o primeiro golpe. Vendêram por tanto pouco a pouco suas immensas possessões; e o capitão Cleto, seu descendente, parece-me ter apenas huma fortuna mediocre. Ignorava elle em que anno Cardozo, e Toledo haviaõ chegado ás margens do S. Francisco; contudo, entre os papeis desta fa-

milia achou huma carta datada de 1712, que hum dos primos tinha escripto ao outro das margens do mesmo rio. Os Indios já hoje não existem nas immedições do Capão. Os descendentes dos que em outro tempo habitavão este paiz inudarão de local; mas sempre nas margens do rio, e fundarão huma aldeã que tem o nome de S. João dos Indios, a 16 leguas ao norte do Salgado.

ABELHAS.

ABELHAS.

Não é de admirar que os habitantes do sertão usem do mel como alimento. Existe na provincia de Minas hum grande numero de diferentes especies d'abelhas, que subministrão o mel, considerado como medicinal o mais diaphano, e isento do sabor picante, que apresenta o da Europa. Muitas das abelhas de Minas fazem a sua habitação na terra e a maior parte dellas forma-a nas arvores. Nenhuma tem aguilhão; entretanto a especie denominada *Tataira* deixa escapar pela parte posterior hum liquido ardente; e é quasi sempre de noite que se lhe tira o mel. As especies chamadas *Uruçú-Boi*, *Sanharó*, *Burá-Bravo*, *Chupé*, *Arapuá*, e *Tubi* defendem-se quando as atáçõ; mas não tendo como as outras aguilhão algum, contentão-se em morder. Os que procurão o mel das abelhas derribão de ordinario as arvores onde ellas habitavão e destroem sem piedade os ovos, e as nymphas (a). Com tudo, alguns sórrão a parte da arvore, onde estes insectos tem a

sua habitação, e suspendem-na horizontalmente na parte inferior do telhado.

Em *Sabará* imaginou-se hum meio de multiplicar as abelhas; o que tem tido hum perfeito resultado. Em quanto ellas andão nos campos, tira-se do cortiço alguns dos favos, que contem as nymphas, e os ovos, e depositão-se em hum novo cortiço que se se defuma com incenso. Huma parte das abelhas procura este cortiço, que em pouco tempo se enche de mel, e cera. Nem todas as especies d'abelhas se podem transportar para se estabelecerem ao pé das casas; a maior parte abandona a sua morada quando a mudão; e ha só tres especies que se costumão a este genero de domesticidade. As abelhas de Minas Geraes são dotadas de huma familiaridade extrema; pousão nas mãos e no rosto, deixão-se acompanhar sem o menor trabalho. A maior parte dentre ellas tem hum cheiro agradável, que lhe provem das flores onde procurão alimentar-se. O maior inimigo destes insectos tão innocentes, e tao uteis é sem duvida o homem; mas tem ainda hum maior numero d'outros inimigos, principalmente muitas, e diversas especies de aves, e lagartixas: e os tatús em particular destroem as especies que formão os favos na terra. As abelhas conhecidas no sertão denominão-se: *Mandaçaya*, 1.ª especie; *Jatá*, 2.ª; *Mondurí*, 3.ª; *Uruçú*, 4.ª; *Uruçú-boi*, 5.ª; *Burá-manso*, 6.ª; *Burá-bravo*, 7.ª; *Sanharó*, 8.ª; *Iraté*, 9.ª; *Sete-portas*, 10.ª; *Mumbuca*, 11.ª; *Marmelada*, 12.ª; *Chupé*, 13.ª; *Arapuá*, 14.ª; *Tataira*, 15.ª; *Tubé*, 16.ª

(a) Primeiro grão da metamorphose dos insectos.

Spix, e Martins, que derão alguns detalhes das abelhas do sertão, não tratão da especie chamada Tubi; porem mencionão outras muitas de que não tenho ouvido fallar, a saber: Mumbubinha; Mandagueira; Cabeça de Latão; Ohra-fogo; Vamos-embora; Cabiguara; Abelha de cupim; Preguiçoso grosso, fino, e mosquito. Os sobreditos naturalistas dividem o Uruçú em Uruçú de chão, de pão, boi, e pequeno; o Jatá em grande, e pequeno; a Marmelada em preta, e branca; o Monduri em preto, vermelho, legitimo, mirim, e papa-terra.

As denominações — Sete-portas, Marmelada, Cabeça de latão, Ohra-fogo, Vamos-embora, Preguiçoso grosso, fino, e mosquito, são portuguezas. As outras são indigenas; Sanharó, em Guarani, significa abelha encarnada; Tataira tambem significa abelha encarnada; Uruçú, vermelho; Monduri, abelha, Irati, cera; Mombuca, fazer sair huma cousa; Tubi, agudo; Mumbubinha, traspassar.

As abelhas, que fazem o melhor mel, são as Jatá, Monduri, Mandaguaya, Marmelada, e Uruçú; as especies, que dão maior quantidade, são os Uruçú, e Mombuca. A cor das abelhas do Brasil é denegrida, e até agora tem sido inuteis os ensaios para a tornar branca.

Spix, e Martins affirmão que a diversidade de mel do sertão apresenta grandes differenças, e que ha certas especies, que são hum verdadeiro veneno, como por exemplo, o mel da abelha Mumbubinha, o qual tem a cor verde, e purga violentamente. Os sertanejos, accrescentão os referidos naturalistas, tem

observado que o mel da mesma especie de abelhas é nocivo e util nas differentes estações do anno, segundo elle foi extrahido de tal ou tal especie de planta. Isto confirma inteiramente o que eu escrevi sobre o meu envenenamento proveniente do mel da Lecheguana.

POLETTIM.

HUM SEGREDO DE CONFISSÃO.

Ha alguns annos que no mundo religioso, não se fallava se não da dedicação admiravel e da admiravel abnegação apostolica de hum sacerdote, cuja memoria, desde tres annos, só faz o objecto de veneração e das benções da congregação das missões estrangeiras. Se as grandes paixões gerão os grandes martyres, o abbade do Vins era por certo destinado a perecer de morte atroz, victima de seu zelo apostolicó. Em sua vida inteira, difficilissimo seria contarem-se alguns annos decorridos em paz e douradas de hum fraco raio de felicidade terrena. Filho de hum emigrado que o deixou orphão de vinte annos, e sem fortuna em paiz estrangeiro, foi comtudo a esta tristissima posição que elle deveo o mais dóce, o mais embriagante periodo de sua existencia. Pobre manco! entrava, por huma senda juncada de flores e orvalhada de perolas, nessa carreira de martyrios, onde seus pés devião, durante quinze annos, ensanguentar os espinhos e os cithãos e onde seu coração devia deixar por toda a parte o rasto de hum sangue abrasado por ardente paixão, purificado por sublime resignação! , , ,

Poucas pessoas, no entanto, conhecerão desse digno ecclesiastico outra cousa que sua acerba existencia de missionario, e sua morte heroica nas indias orientaes. Nós, porém, tivemos a ventura de ouvir sua vida anterior contada por hum discipulo e secretario do veneravel abbade Carron, que, dizia elle, vertêra copioso pranto ao ouvil da propria bôcca do martyr - e nunca a recontava sem banhar-se de lagrimas.

Arthur de Vins acabava de terminar seus estudos em Friburgo, quando perdeu hum pai bom e dedicado, hum pai, seu unico amparo. Arruinado pela emigração, o senhor de Vins vivia de hum trabalho assaz penoso, e com muito custo tinha supprido aos gastos da educação de seu filho. Portanto, nada absolutamente lhe deixava por sua morte, senão algumas recommendações para varios emigrados, quasi todos tao pobres como elle.

Mas Arthur tinha sabido grangear protectores tão carinhosos como seu pai. O professor de philosophia e o director do collegio, onde elle estudára, tinham-lhe tal estíma e affeição, que o tomamão como repetidor depois da morte do senhor de Vins, e não tardarão a arranjar-lhe como preceptor na casa de huma das mais recommendaveis familias dos emigrados.

Era nos ultimos tempos da emigração. O senhor de Vins não era o unico francez que em poucos annos tivesse devorado o solo do exilio. Mas algumas familias ao menos, tinham podido salvar do naufragio huma boa parte de sua fortuna, e desse numero era a familia de T. de S..., também emigrada em Fri-

bargo. O senhor conde T. de S... acabava de succumbir a huma moléstia de abatimento, seis mezes depois da morte de huma esposa que, para arrancal-o ao cadafalso, estivera a ponto de comprometter sua honra. Elle legava a seus filhos huma soffrivel fortuna em papel do banco de Londres, e a esperança de conservar em França varias propriedades consideraveis, confiadas, por huma venda simulada, aos cuidados de velhos servidores ficados no solo natal, onde suas cabeças não sobresahião bastante para serem segadas na ceifa revolucionaria. Os unicos herdeiros de seu nome e de sua fortuna erão dous filhos, Alberto e José. Alberto, o mais velho dos dous, tinha apenas vinte e dous annos, e acabava de esposar huma orphãa de nobre familia emigrada, a joven Luiza de T... S... A..., tão insigne por suas excellentes qualidades como por sua rara belleza. José tinha quatorze annos sómente, e foi este o discipulo cuja educação foi commettida aos cuidados de Arthur de Vins.

Quando Alberto tinha de nervoso, ardente, apaixonado, irascivel e exigente; tinha José de brando lymphatico e frouxo. Este era sem querer: seu irmão primogenito tinha huma vontade de ferro.

Foi, portanto, sem difficuldade que Arthur conseguiu ser estimado por seu discipulo e pela senhora de T...; porquanto Luiza possuia ao mesmo tempo huma simplicidade cheia de encantos e de graciosa negligencia e qualidades eminentes de espirito e de coração. Porém foi-lhe mister huma imperiosa e absoluta necessidade primeiramente, e depois huma razão bem diversamente por

derosa, para aturar a rudeza de tom e de maneiras, e as continuas exigencias de Alberto de T., cujo genio violento e assomado, quanto aspero e obstinado, se azedava cada vez mais com o exilio.

Entretanto, o conde era amante e bom; porém, sempre sombrio, inquieto, levava esses defeitos a hum ponto tal, que muitas vezes setornava insultante para a alma nobre e delicada do preceptor de seu joven irmão a quem depois enchia de attentões e de respeito, como para fazer esquecer seus aggravos.

Terna, submissa, dedicada, Luiza, ante o mundo, tinha sempre nos labios o sorriso doce e placido de hum felicidade tao serena como limpida e profunda. Mas, se como Arthur, tivessis habitado sob o mesmo tecto que ella, houyereis de certo surprehendido de quando em quando hum lagrima sobre as folhas de hum livro que deixavão aberto ao se retirarem á vossa chegada, hum olhar de angustia que de repente volvia do céu para o repousarem sobre vós, com esse sorriso doce e placido que vos acabo de dizer. E era de veras para contristar o coração o mais indifferente para de reter nos olhos as mais geladas lagrimas... Como, pois, poderia Arthur permanecer frio e impassivel junto de Luiza, cujos occultos pezares elle adivinhava?... Mas, tambem, devia elle reconhecer as attentões com que o cobria o proprio conde parecendo se quer suspeitar é comprehender a dor secreta da condessa, e abrindo a essa joven esposa, tão virtuosa quanto sensivel, o asylo perigoso para ambos de hum sympathia viva e ar-

dente?... Podia elle, elle tao delicado, tão bom, tão grato, deixar brolar de seu coração hum compaixão que todas as vezes que se achava hum instante a sós com Luiza, ameaça exhalar-se em amor terno e apaixonado?..

Arthur comprehendeo bem cedo toda a gravidade de sua posição, e mais de hum vez formou a resolução de subtrahir-se lhe despedindo-se de seus hospedes; sentio porém que seu coração havia creado raizes nesta casa e que lhe não era possível arrancar-se della senão pela força de algum acontecimento inesperado. Ah! esse acontecimento, elle o não devia aguardar muito tempo.

Entretanto havia já cinco annos que elle estava em casa do conde, e qual, de volta para Pariz, tinha conservado o preceptor de seu joven irmão; e a educação de José estava prestes a concluir-se, quando hum molestia de peito veio rebalhar á sua familia. Arthur havia prodigalizado os mais ternos desvelos ao joven enfermo durante os ultimos mezes de sua vida, deixando-o apenas alguns instantes no decurso do dia e velando quasi todas as noites á sua cabeceira. Poucos dias depois da morte de seu discipulo, elle se aproveitou hum noite da ausencia do conde para annunciar a Luiza que, inutil d'ora em diante na casa, não podia nella permanecer mais tempo.

Leve rubor co'oreou as faces da condessa; mas ella não se perturbou, não balbuciou e com lhaneza isenta de embaraço:

— Senhor de Vios, disse ella, nós não estamos quites para convosco, e não vos damos por qui-

to a nesso respeito...

Depois, apertando contra seu seio e beijando ternamente a cabeça de hum menino de seis annos, seu filho unico:

— Amai-o tambem prosequio ella, sode para elle o que serieis para hum filho querido. Não tarda a chegar o momento de se dar começo á sua educação... Quereis que seja ainda o senhor conde quem vos roge o obsequio de vos encarregar-des della?...

Arthur estreitou o menino em seus braços e não pôde resistir ao desejo de applicar seus labios sobre a cabeça do menino por toda a parte onde acabavão de se applicar os labios da condessa, e Luiza corou novamente.

— Mas, disse Arthur, pensaes vós, senhora, que o senhor conde tenha por mim os mesmos sentimentos que vós?...

— Oh! elle se dará por muito feliz de vos conservar, podeis cret-lo! ..

Nesse momento ouviu-se hum pequeno estrepito no salão contiguo ao quarto de Luiza.

Arthur deo as boas noites á condessa, e se retirou tão commovido e agitado quanto Luiza estava serena e a sangue-frio.

Havia apenas alguns minutos que ella estava só, quando a porta foi aberta sem ruido pelo conde, que entrou pallido e abatido, mas sem a menor perturbação.

Luiza e seu filho correrão ao encontro para o abraçarem. Elle atalhou violentamente a ambos, e, repellindo seus abraços com verdadeiro sangue frio:

— Porque está aqui este menino,

senhora, exclamou elle, e porque não está deitado a esta hora? Tendes por costume entregal-o ás nove horas entre as mãos de sua aia. São já dez horas e eu o acho ainda junto de vós...

— Meu Deos! Alberto como estaes pallido!...

— Como estais corada senhora..

— Que quereis dizer?...

— Enganastes-vos, senhora. Eu sou capaz de hum amor profundo, de huma infreira dedicação, mas não de huma cobarde tolerancia, e ainda menos de huma complacencia infame!

— Mas, ainda huma vez, meu amigo, eu nao sei...

— Não sabeis que eu estava alli, que tudo vi, tudo ouvi!...

Ao proferir estas palavras, elle tocou a campainha. A criada de Luiza appareceo immediatamente.

— Levem este menino, disse o conde, sem dar demonstrações da menor agitação.

A criada obedecoo, e quiz pegar no menino pela mão; porém este saltou ao pescoço do conde, que o abraçou como de costume entregou-o á creada, e fechou atraz delles a porta do salão.

— Bem vedes, senhora, tornou o conde, eu estou socegado e devorei este beijo sem murmurar!... Assentei os meus labios no mesmo lugar onde esse homem... Eu sou bem cobarde, não é assim?..

— Fazeis-me estremecer!... Juro-vos que...

— Não vos peço juramento, senhora.

— Em nome de Deos, Alberto..

— Em nome de Deos, senhora, se ainda credes em Deos, executai

immediata e pontualmente a ordem que vos vou dar.

— Obedecerei, meu amigo: tenho-vos por ventura dado occasião a que disso duvideis?

— Pois bem mandai já chamar o vosso cocheiro e pedi para a meia noite huma sege de posta e cavallos.

— Para a meia noite! mas o que pretendeis?...

— Para a meia noite, vos digo!

— E partis sem levar o vosso filho?... Vós sabeis, meu Alberto eu nunca me tenho apartado deste menino.

— Não vos reconheço o direito de me interrogardes.

— Estou prompta, Alberto: nada mais vos pergunto... obedecerei.

Assim fallando, ella se dispunha a levar a mão ao cordão da campainha.

— Mais huma palavra, accrescentou o conde e fazei exactamente tudo o que vou dizer-vos.

— Fallai, Alberto.

— Eu saio, e não hei-de voltar senão quando estiverdes fóra de Paris.

— Que! sem vos!... Mas o que se ha, de pensar?

— Que enganais o vosso marido; pois não é bem natural?

— Oh! vos estais doente, estais louco, meu amigo.

— Tenho, com tudo necessidade de toda a minha razão.. Portanto, idez partir sozinha e transportar-vos a Fontainebleau. Reunir-me-hei a vos perto da cancella.

— Com meu filho?

— Não, tenho dó desse menino; elle não deve conhecer sua mãe.

Mas, ainda huma vez, senhora, não me interrogueis e obedecerei!

— Partí pois, meu amigo; eu espero por tudo.

— Não o creio!... murmurou o conde, indo a saber, com hum riso infernal nos labios. Ah! mais huma ultima palavra senhora. Antes de mandardes buscar a vossa sege de posta, haveis de vos certificar do meu creado se eu tenho sabido... Ah! hia-me esquecendo... Hardinheiro em ouro na minha secretaria

— Está bom, meu amigo, disse Luiza com resignação e com evangelica doçura.

O conde voltou as costas, e a porta se fechou atraz d'elle.

Huma hora depois da partida do conde Luiza se mettia sózinha numa sege de posta, depois de ter executado as ordens de seu marido com tal pontualidade, que sua criada a julgou louca e custou a consentir em deixal-a partir sem companhia.

De volta a seu palacio, Alberto foi recebido por seu criado estupefacto de tornar a vê-lo, e sobretudo de vê-lo recolher-se tão socegradamente como de costume.

— Pois o senhor conde não vio a senhora condessa?

— Aonde?

— Pois ella foi tomar vos com a sege de posta!...

— Com a sege de posta!... Que quer dizer isto?

— Ah! meu Deos! senhor conde!...

— Minha mulher partio em sege de posta, fóra de horas!... Mas isso é huma infamia!... E com quem? grande Deos!

— Sózinha, senhor conde.

— Sózinha! E por que estrada?

— Pela estrada de Fontainebleau, me disse o postilhão.

— Basta, João; nem huma palavra de tudo isto, ouvis!... é mandai já preparar a caleça de viagem.

Sim, senhor.

A ordem foi executada em alguns minutos.

Alberto lançou-se na caleça e na primeira posta, depois de se ter certificado que a condessa continuava o seu caminho para Fontainebleau, despedio seus criados para Pariz e tomou cavallos de aluguel.

Em quanto tudo isto se passava, em quanto o conde de T. des-honorava assim desapiadadamente a destituta Luiza, aos olhos de toda a gente de sua casa, Arthur, causa innocente dessa desgraça dora em diante irreparavel, dormia com somno dôce e benéfico; ditoso de bordar em torno de Luiza os sonhos dessa felicidade pura e sem mescla que a vinte annos pagariam com a metade de nossa vida, e cuja troca fazemos por alguns instantes de huma embriaguez prehe de remorsos!

No dia seguinte, apenas despontou a aurora, elle foi despertado pelo criado do conde.

— Senhor disse este, aqui está esta carta que o senhor conde me ordenou que vos entregasse esta manhã mesmo, devo receber as vossas ordens.

— Pois o senhor conde não está em seu palacio?

— O senhor conde partio esta noite com a senhora... Estou esperando as vossas ordens, senhor.

Arthur abriu a carta com visivel emoção, e leu o seguinte:

« Senhor,

« A senhora condessa fugio esta noite em sege de posta, e eu a sigo de perto. Deos queira que ella me escape ou se faça justiça a si mesma, por quanto é sobre ella só que deve recahir a minha vingança. Quanto a vós, sempre que vivais tendes huma tarefa que preencher. E como não quero que hum menino que ha-de trazer o meu nome o arrastre na miseria, o meu banqueiro está incumbido de vos fornecer por trimestre huma renda de cinco mil francos cujo capital, depositado em casa d'elle, será o dote do vosso filho. Nada temais de mim; nunca mais me tornareis a ver.

ALBERTO, CONDE T. DE S.

« P. S. Dou-vos duas horas para sahirdes do meu palacio, vós e vosso filho. O meu criado tem ordem de vol-o deixar levar.»

A leitura desta carta, Arthur empallideceo: passaram-se alguns minutos antes que elle podesse preferir huma só palavra. Emfim levantando os olhos para o céu e ex- quocendo que estava em presença de hum criado:

— Vós o sabeis, meu Deos, exclamou elle tudo isto é huma infame calumnia!

Depois lembrou se de sua entrevista da vespera, e, recordando se tambem que ouvira estrepito no salão.

— Agora comprehendo, proseguio elle; mas isto é horrivel!... É impossivel velo, explicar-lhe... Oh! meu Deos! meu Deos!...

Tornou a ficar silencioso alguns instantes; depois, voltando se para

o criado, lhe disse :

— Mandai vestir o menino, e di-
zei que m'ó tragão.

— Sim, senhor, disse o criado,
sabindo.

A's nove horas da manhã, hu
ma carruagem com as armas do con-
de T... entrava pelo pateo de hum
collegio de meninos. A's dez horas,
a mesma carruagem parava á porta
de S. Sulpicio. O superior do se-
minario era o padrinho de Arthur,
e recebeu-o com extrema affabili-
dade.

Onde estão Luiza e Alberto?
Em balde Arthur espreveo para to-
das as partes, afim de obter infor-
mações. Soube-se somente que o
conde mandára vender todas as suas
propriedades em França; porém, dez
annos mais tarde, ainda se ignorava
o que d'elle era feito, e ninguem
tinha mais ouvido fallar da pobre
Luiza.

(Continuar-se-ha.)



PHILOSOPHIA DA VIDA SOCIAL OU ARTE
DE AGRADAR NO MUNDO.

— O MUNDO, disse espiritualmente
hum observador, é huma lanterna
magica que perpetuamente em acção,
apresenta huma vastissima scena em
que se vêem passar em confusa mis-
tura defeitos e ridiculos, pretensões
e exigencias da vaidade, sensatez e
idiotismo, cordura e impertinencia,
todas as qualidades enfim boas ou
más d'individuos de todas as idades e
condições. Physionomias e caracteres,
gestos e maneiras, linguagem e as-
sumpto das conversações, tudo ahi é
d'ordinario estudadamente composto e
affectado: mas, assim, como ao ob-
servador attento não escapa a condi-

ção e o caracter do mascara através
do seu disfarce, tambem os defeitos
e os vicios se revelão apesar do ver-
niz que os cobre.

1.º O mais seguro meio de figu-
rar na sociedade é mostrar-nos veri-
dicos e modestos em nossas relações
com os outros.

2.º Se quereis ser auctado e res-
peitado, receber louvores e civilida-
des, começai por merece-las procuran-
do de continuo o aperfeiçoamento. A
verdadeira perfeição, que deve ser o
fim de nossos esforços perseverantes,
é a virtude. Com ella seremos in-
dulgentes para com as fraquezas hu-
manas, e jámais descobriremos suas
faltas e seus erros para brillarmos á
sua custa.

3.º Sêde sempre reservado e mo-
derado na manifestação de vossos pa-
zares ou alegria. A impaciencia mui-
to trivial de confiar ao primeiro en-
contradição as proprias felicidades ou
desventuras é huma fraqueza da alma,
que nada consegue de bem, e pôde
ter graves inconvenientes.

4.º Não vos desalenteis jámais com
os azares da fortuna: esperai antes
com magnanimidade a volta da pros-
peridade, conservai sempre confiança
em vós mesmo, na bondade da Pro-
videncia, nos homens bons e gene-
rosos, na perpetua mudança dos des-
tinos humanos.

5.º Sêde precatados e pacificos nos
accidentes imprevistos e difficiliosos
da vida social. Quando o céo quer
favorecer e privilegiar hum mortal
disse hum philosopho, d'the huma
grande *presença de espirito*. E ainda
que nao esteja na mão de cada hum
este precioso beneficio, pôde-se com
tudo prevenir as consequencias de sua
falta pela vigilancia e pela prudencia.

6.º Quereis vós conservar no mu-
do vossa independencia? Quereis col-
locar-vos de nivel, em igualdade com

os individuos de vossas relações? Não lhe peçaes coisa alguma; e não aceiteis senão raras vezes os serviços, que voluntariamente vos prestarem. Como porém dizeis vós, prescindir sempre do apoio e da protecção dos outros? Como! O meio é simples e facil; moderai vossos desejos, restringi vossas precisões.

7.ª Desempenhai com lealdade vossa palavra, cumpri fielmente vossas promessas, dizei sempre verdade. Ainda que tenhamos muitas vezes motivos para não regular nossos pensamentos, nada comtudo pôde autorisar-nos a dizer o contrario do que pensamos. Nunca houve mentiras necessarias: as mais leves podem fazer-nos perder a confiança e a estima de nossos semelhantes.

8.ª Sêde pontual, laborioso, minucioso mesmo no cumprimento de vossos deveres publicos. Adoptai methodos de ordem e arranjo em vossos negocios, e nos dos outros que estiverem a vosso cargo. Todo o mundo se compraz em ter relações com hum homem pontual e exacto.

9.ª A arte d'agradar na sociedade é saber adaptar o assumpto e a phrase da conversação á condição das pessoas com quem tratamos, á sua capacidade e comprehensão, ao seu genio character, e posição social. Observemos, diz Laroche-focauld em suas maximas moraes, peze-mos attentamente o lugar, a occasião, e a disposição em que se achão as pessoas que nos escutão: porque se ha hum arte de saber fallar a proposito, ha outra que nos aconselha saber callar. Ha hum certo silencio eloquente que serve a approvar e a condemnar, bem como ha outro que é de descripção e de respeito. =

10.ª Não esqueçames nunca que aquelles com quem entramos em conversação querem ser agradavelmente

distrahidos, senão lisongeados. = Loquimini placencia = diz a Escriptura; fallemos-lhes quanto ser possa de cousas delectaveis, mas honestas. Hum conversação longamente instructiva acaba sempre fatigante; é preciso tempera-la com bons ditos e jovialidades. Não ha cousa que no mundo pareça mais espirituoso e delectavel como os louvores e elogios delicados. Não façais jamais o papel de gracioso e chocarreiro; ainda menos o de vil adulator. Procurai com discriminação ser ingenuo e natural: o homem que constantemente quer parecer agudo e espirituoso, termina por se fazer insupportavel.

11.ª Conserve-mos quanto possível fôr hum semblante sereno e socego. O mais amavel exterior com que hum individuo se possa apresentar na sociedade é esta serenidade filha da igualdade d'alma, e esta d'uma consciencia pura e tranquilla, d'um coração que não é agitado pelo tropel das paixões violentas. Sêde benigno e benevolo para com todos que se aproximarem de vós. Dirigi alguma ditto officioso, d'obsequio, ou instructivo ás pessoas com que vos entretiverdes; mostrai que vos interessais por ellas. Guardai-vos porém de arrogar o papel de mestre ou de protector, porque essa supremacia fere a modestia, e não alcança o seu fim.

12.ª Conversação é hum dos meios que temos no nosso poder para obtermos estima e consideração no mundo; mas para isso é necessario que evite estes tres escolhos; que não fira, que não enfade, que não fatigue. Ponde hum cuidado escrupuloso em banir de vossas palavras a maledicencia, a calumnia, as reticencias malignas, o escarneo insultador; estas espadas de dous gumes que quasi nunca deixão de tocar e ferir a propria

mão que ousa manceja-las — Desgraçadamente este ar satyrico e malevolo aguda ao commum das sociedades: entretanto mais cedo ou mais tarde faz desprezível o individuo que busca agradar à custa do credito e da reputação dos outros. A zombaria, permittida quando ella é temperada com critica espirituosa e galante, é aquella que sem offender os individuos recorre sobre os desvios, os ridiculos, e os excessos dos usos e das modas, dos vicios e dos máos costumes. Desconfiai daquelles que affectão querer encobrir todas as faltas, desculpar todos os erros: ordinariamente não são senão hypocritas que com o manto da caridade christã se procurão aoreeditar para cobrir os seus proprios, ou para acreditar o mal que elles disserem do proximo.

13.ª Sêde circumspecto e mesurado quando censuraes ou condemnaes alguma coisa. Como no mundo ha poucas verdades absolutas, é a maior parte das cousas podem ser olhadas por differentes modos, é difficil pronunciar com justiça nos negocios alheios. Guardai-vos mais que tudo de querer apreciar os motivos das acções boas, rebaixando-lhe o merito pela pequenez de causas suppostas. É preciso julgar sempre o bem, segundo o grau d'utilidade que occasiona aos outros.

Fallai pouco: e pesai antes de fallar as palavras, para que não succeda dizer o que deveis ou quereis occultar, ou proferir cousas que torcem a conservação enjoativa e desagradavel. Aprendei a escutar os que fallão, nem os interrompaes cortando-lhe o discurso; soffrei mesmo que digão cousas inuteis. Se tiverdes de contrariar o que dizem os outros procurai afeçar o azedume que fere o amor proprio; hum talvez, ou hum pôde ser, dizia o espirituoso Weiss, são o exordio mais philosophico para

contestar huma opinião.

Nunca hallemos de nós e de nossos negocios senão a nossos amigos intimos: o máo costume contrario nos faz parecer egoistas ou vaidosos. A modestia é huma das qualidades mais amaveis, e tanto mais agrada quanto é mais rara. Aquelles que fazem alarde de seus triumphos que revelão seus talentos, que obrigão a escutar suas composições, que enfim andão mendigando aplausos, alcançã o effeito contrario; pois que todos lhe retribuirão com enfadamento e escarneo.

É preciso ser tolerante e impassivel nas discussões em que a razão ou o emprego nos obriga a tomar parte. Soffrei mesmo pacientemente a ironia e o sarcasmo com que combaterem vossas boas razões: oppondo sempre a polidez e a magnanimidade com perservança, sêde certo que triumphareis daquelles fracos adversarios, porque vossas armas são melhores, assim como vossas forças mais seguras. Sêde indulgente com os homens preocupados de boa fé, e lembrai-vos que a fraqueza da intelligencia humana, a limitada esphera de nossos conhecimentos, a perfeição emfim de nossa natureza, nos deve conduzir a deplorar antes do que fulminar os defeitos do proximo.

Jamais tomareis parte nas conversações malevolas ou equivoças, nas que атаção a crença estabelecida, as autoridades que presidem à ordem publica, as leis que regem a sociedade. O vicio contrario é desgraçadamente o typo quotidiano das reuniões de nossa epocha. Cada qual é cre com capacidade e direito de reconstruir a sociedade, de lhe assignar novas constituições e novas crenças. Não esqueçamos jamais que todas as opiniões são respeitaveis quando são sinceras: procuremos antes de hostilizar.

ECONOMIA DO TEMPO NA INGLATERRA.

Franklin disse com razão e sabedoria: O tempo é dinheiro; ora na Inglaterra pensa-se com elle: alli o tempo é hum rendimento huma riqueza. O inglez não é avarento de seu dinheiro: mas em compensação é economico do tempo. Ninguem ha mais exacto do que elle em se achar nos paradeiros á hora ajustada; para isso consulta o seu relógio, regula-o pelos dos seus amigos, e chega sempre no minuto aprazado. A sua lingua monosyllabica parece ter sido inventada para economisar o tempo. O inglez come as letras, assobia as palavras, falla pouco; a sua civilidade é laconica em seus cumprimentos. A saudação entre elles não é mais do que hum simples movimento de cabeça acompanhado de tres ou quatro syllabas. Os inglezes excluírao do seu estillo epistolar essas formulas banaes, que terminão todas as nossas cartas: elles não tem a honra nem fazem firmes protestos da sua consideração mais ou menos distincta do seu profundo acatamento e respeito para com suas excellencias ou senhorias de quem nao fição sendo, nem são respeitosos veneradores, humildes e reverentes criados. Em hum paiz, onde os minutos são tao preciosos, é muito natural que se apreciem os instrumentos, que os medem; dahi vem o fazerem-se os melhores Chronometros na Inglaterra. Cada operario, cada trabalhador possui hum relógio tao necessario para elle como os seus melhores utensilios. Os conductores das postas dos correios tem chronometros que valem mais de

mil francos, tanto para elles é grave a obrigação de chegar a huma hora fixa. A menor demora faria esperar os parentes, os amigos, os criados exactos em virem ao lugar certo receberem, huns os viajantes, outros as suas malas. Esta economia de tempo, que nos parecerá talvez minuciosa, concebe-se necessaria em hum paiz, onde tantas rodas concorrem separadamente para o movimento geral da machina.

Guarda Nacional.

A guarda nacional não é instituição moderna, e remontando aos tempos antigos, vê-se pela historia de França, que no reinado de Luiz--o gordo, a libertação, (*affranchissement*) dos conselhos deo o ser ás companhias parochiaes e ás milicias dos concelhos. No tempo de Filippz IV, em 1315, os habitantes de Paris, formados em guarda nacional, ião para a planicie de *Saint Germain-des-Prés*, fazer exercicio; e Carlos VIII compoz em 1498 huma especie de guarda nacional sujeita ás ordens dos fidalgos (*gentilshommes*.) Paris foi o berço da nova guarda nacional, e o canhão da *Bastille* (Castello que houve em Paris) o signal do seu estabelecimento Hum decreto da assembléa constituinte de 13 de julho de 1789 é o acto da sua criação. Diversas leis regularão depois o seu serviço, e os seus deveres, e apesar do seu brutal licenciamento em 1827, a guarda nacional reurgio em 1830 mais gloriosa, e mais patriótica do que nunca; e huma nova lei tornou a constitui-la definitivamente.

POESIA

OS HOMENS.

*Per huma sua avaliadora**(em retribuição aos versos publicados no Recreador n.º 22.)*

Retorqui, damas,
 Aggravo eterno,
 Versos villões,
 Monstros do Averno.

Monstros do Averno
 Os homens são,
 E na maldade
 Sem ter senão.

As castas Musas
 Suas lyras douro
 Com pejo enlutão,
 E por desdouro.

Os torpes crimes
 D'alguns sem par,
 Só voz de satyra
 Póde entoar.

Muitos são falsos
 De mil maneiras,
 Almas de gato
 E trapaceiras.

São presumidos
 D'olhos fonnosos,
 Feios maricas
 São invejos.

O escravelho
 Volteador
 E' digno typo
 Do seu ainor.

Como Synon
 Sempre a jurar,
 Forjão mentiras
 Para enganar.

Do crocodile
 Fingem os ais;

Fugi de ouvi los,
 São desleaes.

A grimpa ainda
 Indica o vento;
 Nada por vario,
 Seu pensamento.

Palha que ás tontas
 Anda a correr
 Em tudo é emblema
 Do seu querer.

Quando pretendem,
 São mui affiveis;
 Quando senhores,
 São indomaveis.

Fingem ternura
 E mansidão,
 Mas tem demonios
 No coração.

É seu sorriso
 Filho do mal,
 Nelle se afia
 Duro punhal.

Todos cerejas
 E todos mel,
 Seu coração
 Goteja sel.

Fogem das armas
 Com aversão;
 Tem ao spartilho
 Mais devoção.

Em vez de letras
 E pundonor,
 Trecão por tudo
 Hum ai damor.

A tudo topão
Suas conquistas,
Ao alto e baixo,
Pois são todistas.

Tem no bigode
A ostentação,
De medo e lama
O coração.

O rosto ás vezes
Mui delambido
Esconde hum peito
Emperdenido.

Intrigas forjão
Na sociedade,
A fé quebrantão
Té n'amizade.

Vis gabasolas;
D'amor o enredo
A todos centão
Como em segredo.

Sempre desculpas,
Promessas tem,
E sabem todos
Mentir tambem.

Gravão protestos
Em dura fragoa,
Como se fossem
Esriptos nagua.

Riemese quando
Hum coração
Enchem de dôr
Ou de tração.

Os seus amores
São tão balofos
Como os miolos,
Poucos e lófos.

E quando escrevem
A's suas queridas,
As suas lettras
São sementidas.

E quando dizem
Juras pastmosas,
São falsas perolas,
São enganosas.

Quando sorriem,
Hum trapassêiro
Afago encobrem
E traçoero.

E quando lagrimas
Mas affectadas,
Sem pejo mostrão,
São refalsadas.

Huma tração
Por brinco a tem;
Ou hum insulto,
Ou hum desdem.

Na dansa trahem
O mundo inteiro:
Seu par namorão
E o par fronteiro.

Não tendo incautas
Para illudir,
Até consigo
Sabem mentir.

A sua lingua,
Sempre á porfia,
Mente se falla
De noite e dia

Não ninguem póde
Remedio achar,
Que taes orates
Possa curar.

E fugir delles,
Sexo ultrajado,
Como quem foje
De cão damnado.

Taes quaes os pinto
Nem todes são,
Pois não ha regra
Sem excepção.

OS SONHOS.

Certo fidalgo, grande caçador, tendo-se perdido num bosque, vio-se obrigado a dormir numa choupana a ilharga de hum tropeiro.

Pouco tempo depois de se ter deitado, ouve o tropeiro o fidalgo a gritar: « Tejo, Leão, Bolo. » Ora, como esta musica não lhe soava bem aos ouvidos, pediu ao seu companheiro de cama que se calasse, por que elle não podia dormir; porém o fidalgo, fazendo pouco caso do que o outro dizia, lhe respondeo: « Olha, meu amigo, eu tenho este costume: sou caçador, e sonho muitas vezes com os meus cães. »

Sobre a madrugada, o tropeiro que já tinha acordado mais de hum vez, e desesperado, com toda a razão, não menos dos sonhos do caçador do que das suas desculpas, salta para o chão, pega no chicote, e exprimindo-se com toda a energia do seu officio, fustiga desalmadamente o seu amigo sonhador. — Este encolorisa-se, pede explicações de hum tal procedimento, porém responde-lhe o tropeiro — Tenha paciencia — eu tambem estou sonhando; e como lido todo o dia com burros, sonhei que tinha caido num atoleiro, e que estava tocando as minhas bestas para me tirarem para fóra.

O devedor moribundo.

Hum sujeito estando muito doente, e carregado de dividas, dizia ao confessor que a unica graça que tinha a pedir a Deos, era de lhe conservar a vida até que tivesse pago tudo o que devia. E' tão justo o motivo respondeo o Padre, que devemos esperar que Deos attenderá vossa supplica. *Se Deos me fizesse essa graça,* disse então o doente voltando-se para

hum de seus antigos amigos — *estou certo que nunca morreria.*

Meio seguro e simples de curar as vacças que perdem o leite.

Hum cathaplasma de barro e vinagre applicada ás tetas das vacças, cura promptamente esta doença, ás vezes, dentro de hum ou dois dias. Continua-se a operação por alguns dias consecutivos, examinando o estado das tetas.

EUROPA

Agricultura.

Ha na Inglaterra hum terço de terreno inculto na superficie total; na Suissa hum quarto; na França hum quinto. A produção agricola eleva-se na Inglaterra por cada individuo a 176 francos; na Suissa a 125; e na França a 114.

AMERICA

ESTADOS UNIDOS.

Typographia.

O numero dos jornaes, e periodicos que se publicão nos Estados-Unidos, é de 1641, dos quaes apparecem:

Cada dia	148
Cada semana	1141
Doas, ou tres vezes por dia	125
Em épochas mais distantes	227

Total 1641

Ha nos Estados-Unidos 1552 impressas typographicas, que occupão 15 a 16000 operarios. O numero dos grandes estabelecimentos de encadernação monta a 500.

(*Annuaire Historique*)

CHARADAS.

1.^a

De papar-se, ou de dansar-se, — 2
 De accusar-se, ou de cantar-se — 1
 De pescar-se, ou de caçar-se.

(A)

2.^a

Parte externa da fructa e mais do pão — 2
 Vocábulo latino, ou portuguez — 1
 Venenoso reptil que a morte dá

(A)

3.^a

Tempo de hum verbo latino
 De duas syllabas sou,
 No preterito perfeito
 Desse mesmo verbo estou.

} 2

Posto que casos não reja
 Em latin sou preposição;
 E na lingua portugueza
 Artigo, ou interjeição.

} 1
} 1

Seu nome proprio
 Não mui usado,
 Mas entre os homens
 Comtudo achado.

4.^a

Ao redor das ilhas vivo,
 Seo cerco é por mim formado,
 Meu fim é desconhecido
 Por mais que seja procurado.

} 1

Em mim conservo thesouros,
 E immensos cabedaes:
 Sou desgraça, e felicidade
 Para muitos dos mortaes.

J. A. M.

5.^a

A todos eu sou igual,
 Só castigo a quem me offende,
 Recta sou, e imparcial,
 Salvo sim se alguém me vende

} 1

Sem ser de valor, nem moeda
 Sou metade de hum tostão;
 Em latin, e portuguez
 Sempre hum só nome me dão.

} 1

Minhas irmãs em pequenas
 Mui apreciadas são;
 Mas este aprêço lhes serve
 De desgraça, e perdição.

Tambem sou apreciado
 Tendo certa amputação,
 Depois do que, grande, e gordo
 Tambem apreço me dão

J. A. M.

CHARADAS DO N.º ANTECEDENTE.

1.^a — Machadense = A que não tem
 numeração — Marfim = 2.^a — Alenas =
 3.^a — Monogamo

Terminando com o presente numero o 1.^o anno desta publicação, julgamos conveniente repetir o que dissemos no annuncio inserto em o n.º 13, isto é, que a nenhum dos nossos assignantes (a quem agradecemos a protecção que nos tem liberalizado) suspenderemos a remessa das folhas que se forem publicando, excepto aquelles que o exigirem.

Os RR.º

O numero immediato será acompanhado de humia interessantissima estampa, e comprehenderá 32 paginas, por conter alem das materias do costume, a relação dos srs. assignantes, cujo apoio esperamos continuar a merecer-lhes.

Curitiba, 1845 Ty. Imparcial de B. X. P. de Sousa. Rua do Gilé n.º 2





